



## ENSINO DE HISTÓRIA E NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS SUBSIDIANDO CONSCIÊNCIAS HISTÓRICAS

Lara Rodrigues Pereira - UDESC

**Resumo:** Este texto representa recorte do primeiro capítulo de minha Dissertação de Mestrado no curso de Pós Graduação em História que está em desenvolvimento na UDESC, sob orientação da professora doutora Cristiani Bereta da Silva. Nele busco discorrer sobre dois aspectos que ajudam a constituir meu objeto de estudo: o ensino de História e as narrativas cinematográficas eventualmente utilizadas pelos professores em sua prática docente. Neste fragmento de primeiro capítulo optei por identificar a importância das narrativas cinematográficas na apreensão de conhecimentos históricos e formação da consciência histórica de quem as assiste. Para tanto me baseei nos escritos de autores como Klaus Bergman e Jörn Rüsen que através de suas pesquisas consolidaram o conceito de consciência Histórica.

**Palavras-chave:** ensino, cinema, consciência histórica.

No decorrer deste texto o assunto consciência histórica será tratado em muitos momentos. Isso ocorrerá em virtude da importância deste conceito para o desenvolvimento do ensino de História. As narrativas cinematográficas se constituem em fontes corriqueiras de apreensão de conhecimentos históricos e por esse motivo se transformam em importantes subsídios para a consciência histórica de quem as assiste, seja dentro ou fora da sala de aula.

A investigação da comunhão entre narrativas cinematográficas e o ensino de História também será freqüente neste texto, pois além de fazer parte do objeto deste estudo, configura-se em prática desempenhada por muitos professores.

Outra temática que será abordada nas páginas seguintes são as funções do conhecimento histórico e optei por este caminho por identificar no conhecimento histórico fonte principal de constituição do pensamento histórico, que por sua vez, define de maneira pontual a postura do indivíduo perante suas experiências sociais e temporais.

No esforço por tentar compreender como se desenvolve cotidianamente o ensino de História uma das chaves da questão seria entender de que forma as consciências históricas dos professores foram sendo aprimoradas ao longo de sua trajetória escolar, acadêmica e profissional. Entendo por consciência histórica, grosso modo, o conjunto de informações históricas que viabilizam a competência de orientação no tempo de cada um. A consciência

humana relacionada ao tempo se expressa pela habilidade de dar sentido a ele, sendo esta competência expressa pela produção de narrativas, pois “as narrativas são produtos da mente humana e, por meio delas, os sujeitos envolvem lugar e tempo de uma forma aceitável para eles próprios” (SCHMIDT, 2009, p. 33).

Conversar com seus avós, folhear uma revista antiga, ouvir uma música que era sucesso no ano em que nasceu sua mãe, ir a um museu quando for visitar seus tios que moram longe e assistir a um filme sobre o período medieval e a Igreja. Estas simples ações ajudam a formar uma categoria subjetiva de conhecimento, armazenado em nossas memórias, chamada consciência Histórica. Nela são retidas informações apreendidas nas práticas escolares e extra-escolares no decorrer de nossas vidas. Essa coleção de conhecimentos será fundamental para a orientação temporal do indivíduo em seu lócus e por esse motivo deve ser aferida, corrigida (quando for o caso) e incrementada nas aulas de História. Um dos mestres do conceito de consciência histórica e sua relação com o ensino foi o autor alemão Klaus Bergmann. Em seus escritos ele apontava para a importância da formação da consciência Histórica das pessoas em sua vida prática, pois a partir dos conhecimentos contidos nela o indivíduo cria capacidade argumentativa em questões do seu interesse e da sociedade. Entendo o cinema como um meio freqüente de apreensão de conhecimento histórico. A partir desta premissa discorrerei a seguir sobre sua institucionalização como fonte histórica, pois a partir deste reconhecimento seu potencial didático passou a ser reconhecido e aproveitado pela instituição escolar.

Há pouco mais de cem anos o cinema apareceu como entretenimento de massas. Foi profissionalizado pela indústria e usado por regimes totalitários como difusor de ideologias. Desde sua criação, o cinema, vem sendo usado como tradutor de seu tempo e fomentador de discussões sobre ele.

A tratativa das imagens que personificam momentos históricos acaba sendo uma forma de visitação a narrativas representantes de fatos ocorridos em cenários que ficaram para trás ou que corroídos pelo tempo, não nos permitem a visualização do que lá ocorreu. Neste sentido, áreas como literatura, dramaturgia, teatro e cinema se apresentam como eficientes recursos visuais de situações, eventos e personagens que representam momentos históricos passados.

A predominância das imagens ocorrida no século XX e XXI, com a ajuda do cinema, também ocorreu no Brasil, no meio escolar, através de políticas públicas que equiparam as escolas com aparelhos de televisão e videocassetes em um primeiro momento, hoje com aparelhos de DVD.

Muito mais que mera ilustração, o cinema deve ser usado como forma de problematizar eventos históricos e neste sentido seu uso em sala de aula vem sendo discutido por vários autores.

O livro de Marc Ferro, *Cinema e História*, ajuda a balizar as discussões a respeito do uso do cinema como documento histórico. Através da leitura de Ferro foi possível perceber a maneira como o cinema foi estabelecido, aos poucos, como documento histórico, reconhecido neste sentido, em primeira mão, pela Escola dos Annales da qual Ferro fez parte. “O filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História” (FERRO, 1992). Na análise de Ferro o cinema constitui-se em documento, em fonte histórica, mas deve ser analisado levando-se em consideração não só o que a tela reproduz; sua versão acabada e exibida com intenções comerciais. Deve-se enxergar além da reprodução das imagens acabadas e editadas, o contexto em que a obra foi feita, o tempo que pretende mostrar, mas também o tempo no qual se originou. Desta forma Ferro propõe uma análise do conteúdo da obra e de sua história. Este esquema ajuda a entender o caráter histórico de muitas obras cinematográficas e poderá ser apropriado pelo professor que tenha a intenção de usar o cinema como fonte para o ensino de história.

Para Klauss Bergman a didática da História é uma disciplina que pesquisa a elaboração da História e sua recepção, que originaria na formação da consciência Histórica. A investigação desta elaboração e das diversas formas como é feita sua recepção é a principal ocupação da didática da História. Neste sentido o cinema e demais recursos audiovisuais são importantes meios de recepção de conhecimento. Quando são utilizados em sala de aula, problematizados de acordo com outras fontes e discutidos, se transformam em importantes subsídios para a formação da consciência histórica dos alunos.

De acordo com Jorn Rüsen, a didática da História é uma disciplina que media os trânsitos entre História acadêmica, aprendizado histórico e educação escolar. Este intercâmbio de conhecimentos não deve ser desprezado no ensino de História, tampouco a didática da história deve ser vista como conhecimento menor que o acadêmico. Rüsen atenta para a pouca importância relegada à didática da História quando afirma que já foi encarada como ferramenta que transportava o conhecimento histórico das pesquisas acadêmicas preenchendo as cabeças vazias dos alunos. A partir de seus estudos podem ser percebidas questões centrais para a operação da Didática da História:

- As cabeças dos alunos não são vazias de conhecimento Histórico, pelo contrário, cada indivíduo traz consigo um conhecimento prévio em História, alimentado pelo seu convívio social, por filmes, novelas, quadrinhos, romances etc.;
- O ensino de História em sala de aula tem se transformado em uma atividade mecânica;

- O aprendizado de História configura a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável;
- A didática da História possui suas próprias concepções teóricas e operações metodológicas  
Levando em consideração o legado de Jorn Rusen, pode-se perceber que ainda há muito a ser feito para que o ensino não seja mecânico, valorizando as concepções metodológicas da didática da História e o conhecimento prévio dos alunos a respeito dos temas estudados.

O ensino de História vem incorporando o audiovisual de maneira mais consistente nos últimos anos, sendo que atualmente há maiores possibilidades de mesclar o material didático padrão com filmes, novelas, seriados, comerciais, desenhos animados.

O pesquisador e professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Luiz Fernando Cerri, em seu artigo *Os Conceitos de Consciência Histórica e os Desafios da Didática da História* afirma (com base em estudos de Klauss Bergmann e Jörn Rüsen) que há a necessidade de se pensar e pesquisar o conhecimento histórico em todas as esferas da sociedade e as relações que estabelece com o conhecimento acadêmico e escolar.

Baseado em estudos de Jörn Rüsen, Cerri alerta para que cada indivíduo carrega consigo o conhecimento histórico, sendo que este conhecimento é promovido, dentre outras formas de apreensão, também pelo cinema. Assim, cabe ao professor identificar e, se possível, oferecer diversas formas de apreensão de conhecimento histórico para seus alunos, além de proporcionar a eles os subsídios necessários para que percebam que aprender História está muito além de decorar datas e eventos cronologicamente hierarquizados.

Aprender História serve para decifrar as experiências humanas em tempos e lugares diferentes e essas experiências impregnadas de tensões, rupturas e permanências modificam a humanidade. Mas, nem sempre é fácil explicar para quem se ensina e estuda História. Outras disciplinas aparentemente apresentam um utilitarismo mais evidente: “Aprendo Matemática para saber se estão me dando o troco certo”, “Aprendo Biologia para saber como funciona meu corpo”, “Aprendo Geografia para me localizar no mundo”. “Mas e a História, serve para quem, mesmo?”

Logo que entrei no curso de graduação em História me deparei com um questionamento corriqueiro para quem resolve trilhar os caminhos de aspirante a historiador: “Para quem se estuda História?” O questionamento foi feito de modo incisivo e logo que o ouvi pensei que seria fácil respondê-lo, mas a pergunta que julguei meio boba, até infantil, tornou-se um grande desafio. A dificuldade em respondê-la é dada principalmente pela forma como foi criada a sentença, o para quem dá um tom de utilitarismo ao saber histórico. O utilitarismo é algo fundamental na sociedade em

que vivemos, pois as coisas só podem ser mensuradas a partir de sua utilidade, tendo utilidade serão vendidas e compradas facilmente. Na hora gaguejei e respondi de forma pouco convincente aquela pergunta, queria eu ter tido contato com os escritos do pesquisador Jörn Rüsen antes daquele momento.

Estudando Jörn Rüsen e Klauss Bergmann pude perceber que a História serve para que o indivíduo desenvolva a habilidade de orientação prática no tempo, além de inserir racionalidade em seu conhecimento histórico tornando-o capaz de articular explicações racionais e objetivas sobre temas atuais. Por mais que alguns oriundos das ciências exatas desconfiem, sim, há um utilitarismo para a História e isso fica evidenciado sempre que uma produção de época feita para a televisão conquista a fidelidade da audiência ou que um filme épico se torna sucesso de bilheteria.

O passado está à venda em documentários, filmes, novelas, romances épicos e revistas especializadas para o deleite dos apreciadores da História. E por qual motivo seria o passado algo tão encantador e rentável? Para tentar sanar tal questionamento recorro a Eric Hobsbawm. Em seu livro *Sobre História* Hobsbawm argumenta que “todo ser humano tem consciência do passado” e conclui que esta consciência nos faça ter no mínimo curiosidade sobre ele. Para Hobsbawm a consciência sobre o passado é estabelecida pela convivência em sociedade com pessoas mais velhas, tornando essa experiência individual, mas também coletiva, pois “Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade) ainda que apenas para rejeitá-lo”. Logo, se pode identificar no passado “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana.”

Hobsbawm continua sua explicação sobre o passado quando afirma que seu sentido está inserido em uma continuidade coletiva de experiência e talvez a prova mais significativa disso seja a inclusão universal da disciplina de História nos currículos escolares. Ou seja, não importa em que parte do mundo você nasça, entrando em uma escola a História irá acompanhá-lo em sua trajetória escolar. Mas, por qual motivo algumas pessoas afirmam adorar filmes sobre temas “históricos” e paradoxalmente detestá-la durante sua vida escolar? A resposta é quase sempre a mesma: “meu professor só passava datas e acontecimentos para que decorássemos e isso era muito chato”. Mais uma vez recorro a Klaus Bergmann, pois segundo ele a mecanização que existe no ensino de história, responsável por torná-lo por muito tempo um processo mnemônico, fez com que aprender História tenha se tornado algo sem sentido.

Para tentar retomar o sentido no ensino de História é preciso haver uma reflexão histórico-didática que dê conta do conteúdo que é realmente transmitido em sala de aula, mas também que

verifique o que poderia ser transmitido e principalmente o que deveria ser transmitido nas aulas de História. O legado de Bergmann para o ensino de História está diretamente ligado aos conteúdos ministrados nas aulas, mas também a apreensão do conhecimento histórico oriunda das relações estabelecidas entre o ser humano e seu lugar social. Nas relações familiares aprende-se História, assistindo televisão aprende-se História, indo ao cinema aprende-se História, além de outras formas de apreensão do conhecimento histórico. Mas quê História é essa que se aprende através da televisão, do cinema e do cotidiano? Há uma pulverização do conhecimento Histórico na sociedade contemporânea na qual a História adquiriu status de mercadoria que, em muitas situações, é consumida para o entretenimento.

Existem canais de televisão paga que exploram a vida de civilizações antigas, especulando, através de suas dramatizações, o modo como viviam em sociedade e seus hábitos. Buscam principalmente pelas características que causam impacto na sociedade contemporânea ocidental: rituais de antropofagia e sacrifícios humanos ou de animais representam curiosidades que rendem boas audiências.

Encontramos aqui uma boa relação com as preocupações de Bergmann, pois saber que alguns grupos ameríndios praticavam sacrifícios humanos é apenas uma parte de sua diversificada cultura, assim como saber que os escravos africanos sofriam castigos físicos é só um traço da sua História na construção do Brasil. É atribuição fundamental do professor de História intervir quando perceber que há este tipo de conhecimento prévio parcial subsidiando as consciências Históricas de seus alunos. Faz parte do ofício do professor alargar o horizonte de conhecimento de seus estudantes, fazendo-os entender que a história é feita de movimento e não de quadros estáticos e deterministas delineados pelos desígnios do ibope<sup>1</sup>.

A espetacularização da História através de narrativas cinematográficas não significa que estas versões precisem ser descartadas pelo professor em sala de aula. Pelo contrário, pois, se através destes recursos o conhecimento histórico é incorporado isso significa que os professores devem estar preparados para usá-los, sobretudo questionando suas tramas.

Seria uma experiência impressionante poder visitar o Coliseu na época dos Gladiadores; averiguar de perto se Cleópatra era realmente desprovida de beleza ou passear nas embarcações de Colombo. Até inventarem a máquina do tempo, idealizada por H.G. Wells<sup>2</sup>, isso será impossível e

---

<sup>1</sup> O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (mais conhecido como IBOPE) é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina. Fonte: [www.ibope.com.br](http://www.ibope.com.br)

<sup>2</sup> Herbert George Wells, escritor inglês nascido em 1866 e morto em 1946. Especialista em romances científicos dentre eles *A Máquina do Tempo*, *Homem Invisível* e *Guerra dos Mundos*.

torço para que não aconteça tão cedo, pois, nós historiadores, correríamos o risco de perder nossa função de cronistas, profetas ou interpretadores do passado. Se não há a possibilidade real de “visitar” o passado sempre há o cinema. A luneta mágica dos irmãos Lumière, aprimorada por anos a fio até os tempos de *Avatar*<sup>3</sup> aproxima presente, passado e futuro. Faz previsões apocalípticas sobre o tempo que virá através do tempo que passou trazendo à tona profecias Maias ou de Nostradamus.

O cinema, sobretudo Hollywoodiano, produz muitas histórias romanceadas baseadas no passado, “de época”. Cada filme “histórico” apresenta interpretações sobre o tempo e sobre a humanidade no tempo.

No intuito de estabelecer filosoficamente as relações existentes entre o tempo e a narrativa, em seu livro homônimo, Paul Ricoeur faz pontuais considerações sobre a composição das intrigas, ou tramas históricas. Nelas ele decreta que “a compreensão da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo da ação: de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal”. (RICOEUR 2010, p96). Essa assertiva de Ricoeur referente à *Mímeses I* de seu esquema composto por três *Mímeses*, estabelece uma zona de pré conhecimento, uma espécie de ponto de partida para iniciar a trama. É como se os subsídios necessários para o entendimento de uma história qualquer a ser narrada estivessem internalizados em cada receptor dela. Nesse ponto podemos estabelecer uma semelhança epistemológica entre a consciência histórica de Klaus Bergmann e Jörn Rüsen e a *Mímesis I* de Paul Ricoeur, pois ambas possuem ao menos uma semelhança entre si: a guarda de um conhecimento tácito necessário para o entendimento de qualquer narrativa. Para Ricoeur as narrativas precisam fazer sentido para serem apreendidas por seus receptores. E inegavelmente há um apelo por sentido nas narrativas históricas produzidas pelo cinema.

Os guerreiros medievais do lendário rei Arthur em *Excalibur*<sup>4</sup> tinham suas armaduras resplandecendo a luz do sol. Seus dentes eram brancos, muito limpos e higienizados, falavam como se estivessem em Londres na década de setenta e eram guiados por forças ocultas enquanto galopavam em seus cavalos asseados ao som de Carmina Burana (cantata composta por Carl Orff em 1937). O anacronismo existente em *Excalibur* e nos demais filmes históricos, séries e novelas é necessário para dar sentido, estabelecer linearidade, glamour e lucro as suas narrativas. Essa

---

<sup>3</sup> Título original *Avatar*, estúdio *Twentieth Century Fox*, ano 2009, duração 162 min.. Direção James Cameron.

<sup>4</sup> Título original *Excalibur*, estúdio *Warner*, ano 1980, duração 142 minutos. Direção John Boorman.

identificação estabelecida pelo expectador com o filme que assiste se dá, principalmente, pelo fato de que o filme é o tempo presente, o tempo da projeção.

O cinema está presente nas vidas de professores e alunos muitas vezes apenas como diversão, mas mesmo os filmes que não possuem nenhuma pretensão didática podem ser utilizados em sala de aula, pois são documentos que em si manifestam características do tempo, da sociedade, da indústria, das tendências culturais da época na qual foram produzidos.

Segundo o professor e pesquisador Marcos Napolitano, o professor que desejar utilizar recursos audiovisuais em sala de aula terá que agir como um mediador entre a obra cinematográfica que está sendo projetada e seus alunos. Além disso, precisará saber que qualquer filme é composto por múltiplas dimensões artísticas, mercadológicas e culturais que lhe imprimirão necessariamente diversas marcas identitárias.

Minha proposta no decorrer da dissertação que estou construindo é investigar de que maneiras as narrativas cinematográficas são apropriadas pelos professores de História em sala de aula. Pensei no cinema como mola propulsora de minha investigação junto aos professores por se tratar de recurso didático já institucionalizado, mas sobre o qual pairam ainda inúmeras dúvidas e possibilidades metodológicas. Apesar dos diferentes questionamentos metodológicos envolvendo o uso de filmes em sala de aula percebo nestes recursos algo inerente ao processo educacional, sendo que a instituição escolar sempre se beneficiará destas narrativas. O diálogo existente entre ensino de História e filmes objetiva capacitar os alunos a refletirem de forma crítica em relação a todos os filmes que vierem a assistir, tornando-os assim, indivíduos mais críticos aos filmes, novelas e telejornais que assistirão.



## Referências

ASHBY, Rosalyn. Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as idéias dos estudantes sobre testar afirmações singulares. **Revista Educar**, Curitiba, Especial, p.151-170, 2006.

BARCA, Isabel. Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História. In: \_\_\_\_\_(Org.). *Perspectivas em Educação Histórica. Actas. Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2001

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 9, n. 19, set.1989/fev.1990. pp. 29-42.

BERNARDET, Jean Claude e RAMOS, Alcides. *Cinema e História do Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto/Edusp, 1988

BENJAMIN, Walter . “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. IN: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense, 1985

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. Capítulo III: Procedimentos metodológicos no ensino de história.

CARVALHO, Jairo. CINEMA E ENSINO DE HISTÓRIA: REALIDADE ESCOLAR, PROPOSTAS E PRÁTICAS NA SALA DE AULA. *Revista Fênix*, junho de 2008.

CERRI, Luis Fernando. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. *Revista de História Regional* 6(2): 93-112, 2001.

CHERVEL, André. *História das Disciplinas Escolares: Reflexões sobre um Campo de Pesquisa*.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Cia das Letras, São Paulo, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2001

PERRENOUD, P. (1999). Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. In: *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n.12, pp.5-19

PINSKY, Carla Bassanezi. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo, 2009.

PINSKY, Jaime, org. *O ensino de História e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988

RÜSEN, Jörn. **História Viva**. Brasília: UnB, 2007

RÜSEN, Jörn. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. *Jorn Rusen e o ensino de História*. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende (org). Curitiba: UFPR: 2010

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Cognição Histórica situada: que aprendizagem histórica é esta?* In: BARCA, Isabel & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.) *Aprender História: Perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

SILVA, Marcos. *Ver História: o Ensino Vai aos Filmes*. São Paulo. Hucitec, 2011.

SOARES, Mariza de Carvalho. *A História Vai ao Cinema*. Rio de Janeiro. 2001

VEZENTINI, Carlos Alberto. "História e ensino: o tema da fábrica visto através de filmes". IN: Bittencourt, C. (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2001.

## **Dissertações**

LINO, Fernanda da Silva. A Prática Pedagógica Com as Mídias na Escola. Dissertações, UFSC, 2008.

SOSSAY, Fernando. A Um Play do Passado? Ensino de História e “Novas Tecnologias Educacionais”. Dissertações, UDESC, 2009

SUAVI, Valenska. Professores Analógicos / Professores Digitais: A Prática Docente Frente às Inovações Tecnológicas. Dissertações, UFSC, 2004.

### **Filmes**

**Ao Mestre com Carinho.** Título original *To Sir, With Love*, estúdio *Columbia Pictures*, ano 1967, duração 105 mim. Direção James Clavel.

**Scalibur.** Título original *Excalibur*, estúdio *Warner*, ano 1980, duração 142 minutos. Direção John Boorman.